

O NOVO ESTADO INDUSTRIAL E O BRASIL *

Rubens Vaz da Costa

Resumo: Neste artigo, o autor tece considerações em torno da teoria apresentada pelo Professor John Kenneth Galbraith em seu livro "O Novo Estado Industrial", onde mostra a realidade da sociedade industrial moderna, quais os seus fundamentos, em que instituições se baseia e como difere da sociedade não-industrial ou tradicional. Numa tentativa de descrever a nova teoria e interpretar o pensamento desse economista, o autor se detém no exame da evolução da sociedade industrial; da aquisição de novos valores e instituições, em substituição aos antigos; da diferença entre a nova teoria e a teoria econômica tradicional; do "planejamento" como meio de substituir a soberania do consumidor pela tirania do produtor; da maximização dos lucros; e da expansão do sistema industrial. A teoria de Galbraith, que encontra respaldo em estatísticas, no trabalho de outros economistas práticos e teóricos, na lógica e nos fatos como ele os observou, é também julgada pela contribuição que poderá oferecer à solução dos problemas econômicos da atualidade.

Considerações Iniciais

De tempos em tempos aparece um livro seminal que revoluciona o pensamento nalguma área do conhecimento humano.

Na ciência econômica, são poucos os livros desta natureza. Talvez pudesse dizer que, até recentemente, o último fora a "Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda" de John Maynard Keynes.

O livro do Professor John Kenneth Galbraith, "O Novo Estado Industrial" é a mais nova adição à literatura que nos ensina a ver o mundo econômico e suas instituições, sob nova ótica.

Amplia nosso conhecimento sobre a moderna economia industrial, fornece instrumentos de análise para melhor compreendermos sua dinâmica, ataca idéias convencionais sobre a soberania do consumidor e a maximi-

(*) Palestra de abertura da "Semana Galbraith", na Universidade de Brasília, com a presença do Professor J. K. Galbraith.

zação dos lucros, diz que o sistema industrial dos países de economia de mercado e de economias centralmente planejadas marcham para uma convergência e indica linhas de política econômica para o futuro.

Como se vê, e há muito mais a dizer, o "Novo Estado Industrial", é livro polêmico, revolucionário e destinado a ter impacto considerável sobre o pensamento econômico. Tem sido atacado por economistas de formação neoclássica e fortemente criticado pela esquerda. Desagradou aos dois extremos políticos; tão pouco foi louvado pelos que se situam no centro do espectro ideológico.

E é natural que assim seja. O destino dos que inovam, criando maneiras diferentes de ver o mundo, é a crítica e a incompreensão iniciais. Mas, com o correr do tempo, as idéias heterodoxas, que têm conteúdo e profundidade, passam a compor a nova ortodoxia. Quem sabe se isto não acontecerá com a teoria e as idéias que a apóiam, que o Professor Galbraith elaborou em muitos anos de reflexão e aguda observação da sociedade americana do pós-guerra?

A Teoria do Novo Estado Industrial

Vejo o "Novo Estado Industrial", basicamente, como um livro teórico. Só seus últimos capítulos eu consideraria como de natureza prática. Livro teórico, como sabemos, é aquele que pesquisa, discute ou explica "o que é" alguma coisa. Agrega ao nosso conhecimento algo sobre a natureza do tema de que trata. O livro prático, por seu turno, nos ensina a fazer alguma coisa.

O Professor Galbraith nos mostra a realidade da sociedade industrial moderna. Diz-nos como ela é, quais são os seus fundamentos, em que instituições se baseia e como difere da sociedade não-industrial, ou tradicional. Até a publicação de "O Novo Estado Industrial", vínhamos convivendo naquela sociedade sem realmente compreender as forças que a movem, os interesses que nela predominam, ou como ela afeta e molda nossas vidas, por falta de uma teoria que a explique e dos instrumentos de análise que nos permitam entender sua realidade.

O Professor Galbraith nos abre os olhos para a nova realidade que a teoria antiga não explica, senão parcialmente e cada vez menos adequadamente. E o faz com uma teoria delineada no curso do seu livro, mas não expressa formalmente como tal. Seria demasiada ousadia tentar descrever essa teoria? Correndo o risco de parecer pretensioso e de não interpretar cor-

retamente o pensamento do Autor, tratarei de fazer isto. Sinto-me estimulado a fazê-lo porque o próprio Galbraith nos concita a pensar sobre suas idéias. Se não conseguir representar o tema central do livro, todos ganharemos com isto, porque o Professor Galbraith certamente me corrigirá, expondo o cerne da sua teoria para nós.

A nova teoria econômica nos diz que a sociedade industrial evoluiu no correr do tempo e adquiriu novos valores e instituições que substituem os antigos. Assim, as empresas industriais amadurecidas são administradas por uma tecnoburocracia, com o objetivo de produzir sempre maior quantidade de bens, induzindo, por diversos meios, os consumidores a adquiri-los. A tecnoburocracia busca perpetuar-se no comando das empresas e o poder que exerce é o seu objetivo mais importante. Alia-se à burocracia estatal, miscigenando os objetivos centrais de ambas, com o fito de fazer do Governo seu cliente na aquisição de bens, especialmente, equipamento militar sofisticado, e de orientar a política governamental no sentido de manter crescente a demanda agregada da economia, reduzindo ao mínimo as flutuações cíclicas.

Para realçar o revolucionário desta teoria, vejamos em que difere essencialmente da teoria econômica tradicional, ensinada nos livros de texto nas universidades e que informa a ciência econômica convencional. Esta supõe que a oferta de bens decorre da preferência dos consumidores expressa soberanamente no mercado. Votamos com cruzeiros para eleger os bens de que necessitamos. As empresas respondem produzindo tais bens em quantidade suficiente para equilibrar a oferta e a procura. Galbraith nos diz que não é mais assim. Há muito tempo que o que ele chama de “planejamento” — palavra pouco feliz para esse conceito central em seu pensamento — vem gradativamente substituindo a soberania do consumidor pela tirania do produtor.

O “planejamento”, do ponto de vista da grande empresa industrial, consiste em “prever as medidas que se tornam necessárias entre o início da produção e o consumo dos bens e possibilitam tal produção”. Esclarece Galbraith que “muita coisa que a firma considera como planejamento consiste em minimizar as influências do mercado ou desembaraçar-se delas”. E dá um exemplo muito elucidativo. Como a General Motors produz cerca da metade dos carros nos Estados Unidos, suas criações não representam a moda atual, são a moda atual. Com convincente argumentação Galbraith busca demonstrar que o planejamento já eliminou a soberania do consumidor na parte substancial dos bens industriais que chegam ao mercado. E aí se vai um ponto central da teoria econômica clássica.

A maximização dos lucros tem sido considerada a motivação principal do homem de negócios. E como tal, é um dos esteios da formulação teórica que aprendemos nos livros de texto. Embora nunca bem delimitado, pois sempre se pode supor um nível superior de lucros, este conceito é o ponto débil preferido pelos que atacam o capitalismo como um sistema injusto, desumano e gerador de desigualdades sociais. Seus defensores mostram que o lucro — raramente se referem a sua maximização — é medida de eficiência num sistema de mercado e tem a função social de prover recursos para a expansão das empresas. Chega Galbraith e nos mostra que o acionista da moderna empresa industrial está interessado exclusivamente no recebimento regular dos seus dividendos, cada período de 3 ou 6 meses. A tecnoestrutura que administra as empresas e que necessita de autonomia para se perpetuar no poder está interessada em lucros estáveis e não máximos, para o que regula, pelo planejamento, os preços e as quantidades dos produtos a serem comprados pelos consumidores. E lá se foi a maximização dos lucros como objetivo central das atividades empresariais.

A expansão do sistema industrial, isto é, do conjunto de empresas industriais amadurecidas de uma sociedade moderna, é postulada no crescimento perene do consumo de bens. Uma recessão prolongada e, pior ainda, uma longa depressão, representam enorme perigo para a tecnoestrutura, que administra as empresas com motivação própria e autonomia quase total. A criação de novas necessidades e de novos mercados para absorver a crescente quantidade de produtos, tem precedência sobre qualquer outra ordem de consideração. E como vemos hoje, se as medidas de preservação do meio ambiente começam a interferir de maneira inconveniente no aumento da produção, a tecnoestrutura e seus aliados na máquina governamental iniciam campanhas mostrando o quanto de desemprego, de redução da renda e dos impostos tais medidas acarretam, visando diminuir seu impacto sobre o volume dos negócios.

Antevendo que os mercados nacionais poderiam saturar-se das crescentes quantidades de produtos, as empresas industriais amadurecidas começaram a se transformar em companhias transnacionais, abrindo novos mercados e conquistando mais consumidores para sua produção. Isto não nos é dito por Galbraith, que não se refere ao papel das multinacionais no sistema industrial, mas é fácil de se inferir da própria dinâmica deste.

A Validade da Teoria

Para ser válida uma teoria deve passar por vários testes. A teoria de Galbraith explica todo o universo econômico ou apenas parte dele? Ajuda-

-nos a melhor compreender a história da evolução da economia? Qual a sua relevância para a formulação de política econômica e para a feitura de previsões da evolução da sociedade?

O Professor Galbraith reconhece que sua teoria é parcial e não geral. Ela explica o que ocorre no sistema industrial, isto é, no conjunto de empresas amadurecidas da economia americana. O planejamento procura determinar a demanda e a oferta de bens industriais de tais empresas. Permanecem regidas pela soberania do consumidor a procura e a oferta de bens da agricultura, serviços pessoais e de empresas industriais pequenas e médias. Em países como os Estados Unidos da América, o planejamento domina mais de 2/3 da produção industrial. No cômputo total da demanda de bens e serviços, responde o planejamento por cerca de 1/3 da produção. É realmente parcial a teoria do Professor Galbraith, quando vista do ângulo quantitativo. Mas a ninguém é dado menosprezar o valor estratégico do controle da oferta e da procura de produtos industriais, das quais deriva boa parte da demanda dos demais bens e serviços produzidos pela economia.

É parcial também porque se aplica ao sistema industrial moderno, que só existe nos países altamente industrializados, embora comece a se desenvolver em países intermediários, como o Brasil, especialmente pela presença crescente das empresas multinacionais. A empresa nacional ainda é administrada pelos acionistas, isto é, pelo empreendedor que a fundou ou seus familiares. Mesmo aqui a tecnoestrutura já ensaia seus primeiros passos, substituindo a figura do empresário. Portanto, a maioria da população do mundo — maioria crescente e pobre, diga-se de passagem, vive em países em que o planejamento (estatal ou da tecnoestrutura) ainda não superou a soberania do consumidor, nem substituiu o empresário, nem desalojou a maximização do lucro como objetivo central das atividades econômicas. Não estou criticando o Professor Galbraith, pois ele reconhece expressamente que sua teoria é parcial, embora sugira que ela, com o correr do tempo, será cada vez mais geral e menos parcial.

A teoria não nos ajuda a melhor compreender a evolução histórica da economia, porque só com o advento da tecnologia contemporânea, com a aplicação prática e ampla da eletrônica e da energia nuclear, com a intensificação do uso do capital e com o afastamento do acionista da direção da grande empresa, é que se afirmou o sistema industrial. Não se aplica, por conseguinte, a teoria à evolução da economia, a não ser após a segunda guerra mundial. Na história recente, no entanto, sua relevância é indiscutível.

vel e patente sua superioridade sobre a teoria clássica que, por sua vez, explica razoavelmente bem uma sociedade pobre, rural, sem comunicações rápidas e de baixo nível de instrução.

A teoria é, sem dúvida, importante para a formulação de políticas públicas e para o desenho dos contornos do mundo do futuro. O conluio da tecnoestrutura com a burocracia estatal, para manter em pleno funcionamento a capacidade produtiva, leva a distorções, como a corrida armamentista, a degradação do meio ambiente e a persuasão do consumidor para que compre mais e mais produtos cada vez menos essenciais.

Acredito que sua importância é ainda maior para os países em fase de transição, como o Brasil, particularmente levando em conta a crise energética e nossa pobreza em combustíveis fósseis. É claro que um consumismo exagerado, como está se instalando em nosso país, será exacerbado pelo dinamismo do sistema industrial, se ele aqui se implantar também no setor industrial nacional, com o conseqüente aumento da dependência externa, freqüentes crises no balanço de pagamentos e continuidade da inflação em altos níveis. E já podemos ver muito disto acontecendo, como é o caso das indústrias automobilísticas, de eletrodomésticos e do programa nuclear.

As Lições Derivadas da Teoria

O Professor Galbraith, com sua teoria, nos abre os olhos para o que está ocorrendo, graças ao planejamento e por obra da tecnoestrutura. Mas, na parte prática do seu livro, que remédios nos oferece? Sua receita me parece pobre. Diz-nos que a solução está na Universidade, que deve recuperar sua autonomia orçamentária, a fim de oferecer cursos em humanidades, e não predominantemente aqueles que o sistema industrial demanda. Exagera, talvez, o poder da Universidade e confia demais na força das idéias dos intelectuais, poetas, pintores e escritores para fazer frente ao imenso poderio da tecnoestrutura aliada à burocracia governamental. Será que David novamente vencerá Golias?

A teoria do Professor Galbraith, como vimos, lança luz sobre aspectos de considerável importância, como o advento do sistema industrial, da tecnoestrutura, da empresa industrial moderna, do planejamento, da motivação que os impele e de seu impacto sobre a vida de todos nós. A teoria está respaldada em estatísticas, no trabalho de outros economistas práticos e teóricos, na lógica e nos fatos como Galbraith os observou. Há uma condicionante que de-

sejo destacar: a imprescindível necessidade de uma crescente oferta de produtos industriais e da manipulação de sua demanda, para manter de pé o edifício criado pelo sistema industrial.

Um Transcendental Fato Novo?

Ocorreu, em fins de 1973, um evento que põe em dúvida a possibilidade de que a produção de bens industriais possa continuar crescendo sem parar. Refiro-me à crise energética e ao choque que provocou, demonstrando que não estão totalmente equivocados os que pensam que há limites ao crescimento. Será que a perspectiva de limites à expansão da produção e dos lucros, não vai redirecionar a economia mundial, afetando mortalmente o sistema industrial e abalando seu principal alicerce, que é a constante expansão do consumo de bens industriais?

Teria Começado o Declínio do Novo Estado Industrial?

O que vem acontecendo, de então a esta parte, põe em xeque muitos dos exemplos com que o Professor Galbraith ilustra sua teoria. Ele nos disse, como vimos, que as criações da General Motors não representam a moda atual, são a moda atual.

Há vinte anos atrás, isto era correto. Hoje, não o é mais. Toda a indústria automobilística americana está enfrentando dificuldades para vender sua produção. O Japão já ultrapassou os Estados Unidos na fabricação de automóveis. Os consumidores americanos resistiram à imposição, pelo planejamento, de carros grandes, caros e pouco eficientes no consumo de combustível. E passaram a preferir Toyotas, Datsuns, Hondas, etc..., importando milhões deles e também de modelos europeus. A tecnoestrutura da indústria automobilística americana, General Motors, Ford, Chrysler e American Motors, que ditava o que devia ser produzido, quanto devia ser produzido e a que preço seus produtos deviam ser vendidos, agora resta apelar para sua aliada, a burocracia oficial de Washington, para que negocie quotas "voluntárias" de exportação de carros com os países concorrentes, ou as imponha por meios legais. O prejuízo líquido do setor automotivo, no primeiro semestre deste ano, ultrapassou a fantástica cifra de US\$ 2 bilhões. Seria apenas uma derrota da tecnoestrutura americana, frente à tecnoestrutura japonesa ou alemã, ou se trata de algo mais profundo, como uma sadia revolta do consumidor americano às maquinações do sistema industrial?

Em fins de 1978, os Estados Unidos eliminaram os controles sobre o serviço aéreo doméstico de transporte de passageiros. Trata-se de indústria basicamente nas mãos da tecnoestrutura, especialmente no que se refere às grandes empresas, cujo planejamento ficou com o Governo. Este determinava as tarifas, as rotas e as regras de convivência civilizada entre as linhas aéreas. O resultado da “desregulação” foi um desastre para as empresas. A maior delas, a United Airlines, sofreu um prejuízo de US\$ 16 milhões, no primeiro semestre deste ano; a American Airlines perdeu US\$ 77 milhões, a TWA US\$ 37 milhões; a Pan American US\$ 141 milhões, a Braniff US\$ 70 milhões. Estima-se que o setor sofreu um prejuízo líquido de US\$ 300 milhões até junho e só as grandes empresas perderão este ano cerca de US\$ 500 milhões, contra um lucro de US\$ 1,2 bilhão há dois anos atrás, quando suas atividades eram regulamentadas pelo Governo Federal.

Será que a tecnoestrutura empresarial, habituada a viver sob o manto protetor do planejamento oficial, desaprendeu as regras da concorrência e começou a se destruir quando o Governo deixou de ser o árbitro do jogo? As empresas americanas de transporte aéreo regional, ainda dirigidas por empresários e não pela tecnoestrutura, estão se saindo bem e acumulando lucros consideráveis, enquanto os gigantes do ar dão mostras de desespero ao ter que concorrer no mercado pela preferência dos passageiros. Terá este fato algum significado, frente à teoria de Galbraith?

Mais relevante do que isto, no entanto, é a situação em que se acha quase toda a indústria americana e suas sombrias perspectivas, a se dar crédito a uma edição especial da revista *Business Week* (30.06.80). A reportagem começa com a seguinte frase: “A perda de competitividade da indústria dos Estados Unidos, nos dois últimos decênios, foi algo que se aproximou de um desastre econômico”. Dois gráficos dramatizam tal perda: um mostra que a indústria americana supria 98% das necessidades internas de produtos industriais em 1960, parcela que caiu para 93%, em 1979. Em 1960, as exportações de produtos industriais americanos representavam 25% das exportações de manufaturas das nações industrializadas; em 1979, apenas 17%.

Business Week prossegue: “Poucas indústrias são exceção na erosão do poder industrial dos Estados Unidos. Mesmo setores em que os Estados Unidos obtêm tremendos superávits comerciais, começaram a perder fatia no mercado mundial. A indústria aeronáutica, por exemplo, exportou produtos no valor de US\$ 10 bilhões no ano passado, enquanto o país importou apenas US\$ 1 bilhão, de aviões e peças. No entanto, o domínio americano de maneira alguma é tão completo quanto no passado. A fatia de 58% do mercado de

exportação de aeronaves do ano passado, representou um significativo declínio em relação aos 66% de um decênio atrás. O prosseguimento da erosão é quase inevitável devido ao ataque do "Airbus" europeu contra o monopólio americano dos jatos de terceira geração (wide body jets)".

O diagnóstico continua implacável. Os americanos exportavam 28% dos plásticos comercializados internacionalmente, em 1962. Hoje, apenas 13%. Nas drogas, a queda é de 28% para 15%. No que toca a máquinas operatrizes, a Alemanha e os Estados Unidos estavam taco a taco nos anos 60, cada um exportando 1/3 das máquinas comercializadas. Hoje a fatia da Alemanha é 40%, a dos Estados Unidos, 21%. É impressionante o relato da perda da capacidade de competir internacionalmente dos Estados Unidos da América.

O declínio envolve também fatias do mercado interno. A indústria do aço, outrora um pilar da economia, só consegue manter o suprimento de 85% do mercado interno, graças ao expediente das quotas "voluntárias", impostas a outros países. A importação de automóveis que não era significativa na década de 60, hoje atinge 30% do mercado. Em 1960, 95% dos rádios, televisores e outros produtos eletrônicos comprados nos Estados Unidos, eram ali produzidos. Hoje, mais da metade é importada do exterior.

Os Estados Unidos já não fabricam rádios ou televisores em preto e branco e a maior parte dos componentes dos televisores a cores é importada de outros países, para montagem por firmas americanas ou subsidiárias de companhias japonesas. Uma tabela mostra a perda do mercado doméstico de 13 produtos industriais. Igual número de produtos perdeu posição nos mercados internacionais. Outros exemplos do ocaso da competitividade americana: maquinaria têxtil, de 93% do mercado interno em 1960, para 54% em 1979; máquinas calculadoras e de somar, de 95% em 1960, para 57% em 1979; calçados, de 98% em 1960, para 63% em 1979.

Business Week tem uma solução para o declínio da indústria americana: a reindustrialização da América. Este tema passou a ser objeto de debates ativos e de editoriais na imprensa. A reindustrialização requer nada menos do que um novo "contrato social", envolvendo os empresários, os trabalhadores, o governo, as minorias e grupos de interesse público. O objetivo do novo contrato social é devolver o país para a trilha do forte crescimento econômico. Para a gerência dos negócios, isto é a tecnoestrutura, de acordo com a revista, isto significa uma "ênfase renovada na produção e na produtividade, em objetivos de longo prazo, na assunção de riscos; em vez de lucros a curto prazo, de manipulação financeira e de evitar riscos".

Mas não é isto, precisamente, o que se supõe que a tecnoestrutura vinha fazendo? O planejamento não garante às empresas industriais mercados em expansão, consumidores subservientes, lucros firmes e adequados que proporcionem tranquilidade aos acionistas e assegurem a expansão da capacidade produtiva? Como reconciliar a atuação da toda-poderosa tecnoestrutura com o declínio relativo da indústria americana?

Por que se faz necessário, agora, um novo contrato social, para viabilizar a reindustrialização da América? E qual o preço da reindustrialização? A futura sugerida exige alto cacife: Um orçamento de capital destinado a financiar a reindustrialização, o qual durante muitos anos seria deficitário. Redução de impostos e concessão de incentivos fiscais para encorajar o aumento da produtividade. Programas especiais de crédito do Governo Federal, para fortalecer a indústria. Empréstimos e garantias para promover investimentos e gastos em pesquisa e desenvolvimento de produtos, em detrimento dos financiamentos habitacionais. Esforços especiais para promover as exportações. Programas especiais para as pequenas empresas. Estes têm a seguinte justificativa, que convém citar: "Nos últimos 15 anos de turbulência econômica, as pequenas empresas provaram ter sido mais flexíveis e adaptáveis do que as companhias gigantescas. As pequenas companhias produziram mais empregos e mais idéias do que as grandes". E, finalmente, uma crítica ferina à política social: "A política social dos Estados Unidos focalizou mais a redistribuição da renda do que o treinamento para aumentar a produtividade".

E para que tudo isto? Cito outra vez Business Week: "A economia americana deve passar por uma mudança fundamental se desejar reter alguma viabilidade econômica, para não falar em exercer liderança nos restantes 20 anos deste século. A meta não pode ser senão a reindustrialização da América". Será que os exemplos em que o Professor Galbraith baseia sua argumentação se referem a outra época, a outra América? Talvez. Pois, a que nos mostra Business Week, está em declínio e marcha para o crepúsculo, o que não atesta o êxito e a onipotência do sistema industrial, do planejamento ou da tecnoestrutura. A economia americana precisa de ajuda para ser revitalizada. Esta a realidade do presente.

O que realmente está ocorrendo? A teoria do Professor Galbraith explica os fatos, instituições e atitudes inerentes a uma era de prosperidade e de crescimento econômico sem precedentes. A crise do petróleo veio acelerar uma tendência que já se delineava quando Galbraith refletia sobre o Novo Estado Industrial e coligia fatos e idéias para explicar sua inexorável dinâmica. Os fatos de hoje parecem ser outros. E, como nos ensina Galbraith: "Na eco-

nomia, do mesmo modo que nas outras ciências sociais, existem mudanças tanto no estado do conhecimento como no que está sendo estudado". Será que a teoria deveria também ser outra?

Será que a crise energética, trazendo incertezas, inflação, desvalorização do dólar e de outras moedas fortes, déficits em conta corrente dos grandes países e a suspeita de que começou o fim da era do crescimento econômico auto-sustentado, não retira de cena a hipótese básica em que se fundamentam o Novo Estado Industrial, o sistema industrial, o planejamento e a tecnoestrutura e tudo de que se servem para dominar o setor mais avançado da economia?

Ao Professor Galbraith endereço estas perguntas na busca de esclarecimento. Se a resposta for negativa, ou porque ele não acredita nos constrangimentos que a escassez crescente de combustíveis fósseis imporá à economia dos países que deles dependem, ou porque o sistema industrial continuará manipulando a oferta e a demanda de bens de alta tecnologia e, assim, promovendo o crescimento do sistema industrial e o fortalecimento do Novo Estado Industrial, fica a dúvida do porquê. A despeito do imenso poder regulador da economia, usurpado pela tecnoestrutura, vem a indústria do país mais rico e poderoso do mundo, nos últimos 15 ou 20 anos, perdendo posição como supridora de bens no seu próprio mercado e nas trocas internacionais.

Por suas luzes lhe seremos todos agradecidos. De qualquer forma, lhe somos devedores de uma nova visão da economia contemporânea, dos conceitos que nos permitem compreendê-la e dos instrumentos de análise que substituem aqueles que são melhor adaptados a uma realidade que vai desaparecendo e sendo substituída por algo novo, com que talvez tenhamos de conviver por muitos anos.

No entanto, permito-me afirmar, para encerrar estes comentários, que a teoria e a análise econômicas tradicionais, jamais serão a mesma coisa, após a publicação de o "Novo Estado Industrial". Por isto, o nosso muito obrigado ao Professor Galbraith.

Abstract: In this article, the author comments on professor John Kenneth Galbraith's theory in his book titled "The New Industrial State", where he shows the reality of the modern industrial society, what its foundations are, what institutions it is based on, and how it differs from the non-industrial society or from the traditional one. In an attempt to describe the new theory and interpret the thought of the economist, the author lingers on the exam of the industrial society evolution; the acquirement of new values and institutions, to replace the old ones; the difference between the new theory and the traditional economic theory; the "planning" as a means to substitute the consumer's supreme power by the producer's tyranny; the profit exaggerations; and the industrial system expansion. Professor Galbraith's theory finds support on statistics and in the works of other practicing economists and theoreticians, on logic and on facts the way he observed them, and also judged for the contribution it can give to the solution of the present time's economic problems.